

PCB propõe rompimento com o FMI

TARCISIO HOLANDA
Enviada Especial

Havana — O Partido Comunista Brasileiro, através do seu líder na Câmara dos Deputados, Roberto Freire (PE), propôs ontem no encontro de Havana sobre a dívida externa o rompimento com a tutela do FMI e com “todas as terapias monetárias”. Sugeriu o tratamento diferenciado aos credores, o estabelecimento de um período de carência para os juros e o principal e a rediscussão do montante real do principal além da definição de taxas de juros não manipuladas unilateralmente.

Ao mesmo tempo, o presidente do Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio Lula da Silva, propôs uma intensa mobilização do povo para que cada cidadão tenha uma nitida compreensão da dívida externa, de como ela se formou, de tal forma que possa escolher alternativas mais convenientes aos interesses nacionais. Lula sugeriu um plebiscito para que o povo escolha a melhor alternativa depois de esclarecido a respeito do assunto.

POSIÇÃO TÁTICA

Os comunistas brasileiros, que formam uma numerosa delegação em Cuba e contam com a presença do secretário-geral Glácondo Dias e do ex-secretário-

geral Luís Carlos Prestes, afirmam no manifesto lançado em Havana que o encontro sobre a dívida externa é “histórico”.

Segundo os delegados comunistas, estrategicamente “os fundamentos das atuais relações internacionais só serão superados com a derrocada do imperialismo”. Entretanto, afirmam que não são “doutrinários, nem milenaristas”, razão por que buscam agora uma proposta “concreta, exequível, eficiente e capaz de tornar os nossos povos sujeitos da sua própria história”.

Caso a atual situação prevaleça prevêem que o pagamento da dívida externa e de seu serviço será inviável. Acreditam que “a ação conjunta dos países devedores é indispensável para o equacionamento do problema da dívida em benefício dos nossos povos”. Argumentam que “a América Latina não é um bloco indiferenciado e homogêneo”. O fato de apresentar uma unidade elementar não elide a sua complexidade política, econômica e, no conjunto latino-americano, o Brasil deve-se com uma lista ponderável de particularidades”, acrescentam os delegados.

Sustentam que o caráter espoliativo do atual endividamento externo possui, no Brasil, uma assombrosa evidência. Com uma natureza crescentemente financeira, a dívida se coloca

com um vetor constitutivo da crise econômico-social que herdamos de 20 anos de ditadura, a esta particularmente sincronizada uma dívida interna cuja rolagem engendra uma demanda especulativa que poucos países conheceram até hoje”.

Depois de afirmar que o tratamento da dívida externa não pode ser desvinculado do processo geral da transição política, os comunistas admitem que a proposta estratégica ideal seria a moratória unilateral.

Mas logo reconhecem que não existe atualmente uma vontade política capaz de implementar uma proposta desse alcance, “embora a luta para que ela se torne hegemônica, e portanto, majoritária, seja uma tarefa de todos nós. Porém, ainda estamos longe desse patamar”.

Depois de sugerir vários pontos, os comunistas brasileiros afirmam que aquelas providências devem ser integradas a um plano macros-cópico de desenvolvimento nacional, soberano e redistributivo, que não esteja hipotecado ao serviço da dívida. Ao contrário, dizem, o equacionamento do problema da dívida é que deve subordinar-se à retomada do desenvolvimento e à ultrapassagem da crise econômico-social. E propõem que, no desentrelar da renegociação dos débitos reais, “poder-se-ia definir um “quantum” do

saldo comercial nunca superior a 20 por cento, para amortização do principal e seu serviço do total, especificado em cronograma a ser previamente determinado”.

Segundo Roberto Freire, esta é uma proposta dos economistas do PMDB que os comunistas apóiam.

SEVERO GOMES

O senador Severo Gomes (PMDB-SP), o primeiro político brasileiro a ocupar a tribuna do Encontro Sobre a Dívida Externa, afirmou que “o maior confronto de interesses da história da humanidade é hoje representado pela dívida externa”. O parlamentar recomendou a mais de mil delegados presentes, inclusive Fidel Castro, “coragem, prudência e principalmente argúcia”.

Severo admitiu a possibilidade de uma eventual confrontação entre credores e devedores e acrescentou que cada um dos países devedores deve fazer sua própria avaliação antes de decidir dar um passo para não cometer erro de cálculos sobre seu poder de barganha. “Uma coisa é certa, nada ficará como está agora. Temos que unir nossas forças para solucionar o problema da dívida ou perdemos definitivamente nossa soberania, nossa cultura e até a nossa própria identidade nacional”, disse.